



---

## O MUNDO COMO VONTADE E COMO REPRESENTAÇÃO SEGUNDO A FILOSOFIA DE ARTHUR SCHOPENHAUER

Lucas Lessa<sup>1</sup>

Irineu Letenski<sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente artigo, tem por objetivo, analisar como o filósofo alemão contemporâneo Arthur Schopenhauer compreende o mundo como vontade e como representação, visto que é este o título de sua obra magna e também toda a base de seu pensamento. Considerado por muitos um filósofo pessimista, Schopenhauer desenvolveu sua teoria, entendendo o mundo como uma representação do sujeito, donde quebra o paradigma de muitos sobre a discussão do idealismo e realismo, compreende que ambos fazem parte do conhecimento, mas o mundo é representação do sujeito, visto que a essência íntima do mundo não se pode conhecer empiricamente. Posteriormente, o filósofo transcorre sobre o mundo ter por essência íntima aquilo que Kant denominou númenon, em Schopenhauer entende-se por vontade, a mesma que sendo cega e irracional dá todo o sentido ao mundo, mas faz o mesmo ser um sofrimento e o homem viver neste vale de lágrimas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Representação; Vontade; Mundo; Sujeito; Sofrimento.

Nascido em Dantzig, em 1788, Arthur Schopenhauer é um grande filósofo contemporâneo, marcado por transmitir uma filosofia pessimista, suas ideias em muitos não chamou a atenção dada as circunstâncias de seu pessimismo, mas em outros casos, o filósofo influenciou muitos famosos pensadores posteriormente. Com isso, neste artigo, analisaremos o pensamento do filósofo Arthur Schopenhauer, no que se refere a sua teoria do mundo como vontade e como representação. *Cujo o mundo como vontade e representação*<sup>3</sup> é o título de sua obra de maior referência, donde o filósofo desenvolverá

---

<sup>1</sup> Bacharel em filosofia pela Faculdade São Basílio Magno (FASBAM). Este artigo foi elaborado a partir da monografia (TCC) orientada pelo Prof. Dr. Irineu Letenski. E-mail: lucas.lessa.2204@gmail.com

<sup>2</sup> Doutor em filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), professor de filosofia na Faculdade São Basílio Magno (FASBAM) e na Faculdade de Tecnologia de Curitiba (FATEC-PR). E-mail: irineule@gmail.com

<sup>3</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e representação*. M. F. Sá Correia. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.

toda a base de sua filosofia, compreendendo e explanando sobre o mundo ser uma representação para o sujeito e a essência do mundo e de todas as coisas é a vontade.

## 1. O mundo como representação

Durante a história da filosofia, os pensadores buscaram resposta para muitos questionamentos. Mas a partir da modernidade mais propriamente, buscou-se responder de onde advém o conhecimento, muitos se posicionaram a favor do empírico, outros do racional. Como Immanuel Kant (1724 – 1804) que sintetizou o empirismo e o racionalismo em um mesmo sistema, afirmando que tanto a experiência como a razão são fontes de conhecimento. Influenciado pelo pensamento kantiano, posteriormente o filósofo alemão Arthur Schopenhauer, vai propor uma teoria baseada no mundo e tudo o que há nele, é mera representação de um sujeito que observa, e a coisa-em-si, a essência do mundo e de todas as coisas, é à vontade.

Seguindo a filosofia kantiana, donde o mesmo reconhece a separação entre a coisa-em-si e o fenômeno, compreendemos que esta coisa-em-si, o númenon, como sendo totalmente incognoscível. Ele afirma que “não podemos ter conhecimento de nenhum objeto, enquanto coisa em si, mas tão somente como objeto da intuição sensível, ou seja, como fenômeno”<sup>4</sup>.

Para Schopenhauer a coisa-em-si permanece incognoscível, esta essência íntima das coisas denominada como vontade, por sua vez, só se pode conhecer apenas a sua manifestação no próprio indivíduo, ou seja, no próprio corpo. O mundo, por sua vez, como já afirmamos, existe em relação ao sujeito, é uma representação da coisa-em-si para quem observa, nisto Schopenhauer é categórico em afirmar:

O mundo é minha representação. Esta preposição é verdadeira para todo ser vivo e pensante, embora só no homem chegue a transformar-se em conhecimento abstrato e refletido. [...] Possui então a inteira certeza de não conhecer nem um sol nem uma terra, mas apenas olhos que veem o sol, mãos que tocam esta terra; em uma palavra, ele sabe que o mundo que o cerca existe apenas como representação, na sua relação com um ser que percebe, que é o próprio homem.<sup>5</sup>

---

<sup>4</sup> KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. Trad. Manuela Pinto Dos Santos, Alexandre Fradique Morujão. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001, p. 51.

<sup>5</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e representação*. M. F. Sá Correia. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001, p. 9.

Como percebe-se, cabe ao homem esta capacidade de abstração e reflexão, embora que os animais também tenham a representação do mundo exterior, este por sua vez, se dá de forma intuitiva, ou seja, de forma direta que o objeto se apresenta ao sujeito/animal.<sup>6</sup>

Nesta perspectiva, o filósofo compreende que o mundo enquanto fenômeno/representação, existe em relação ao sujeito que o observa. O sujeito e o objeto são determinantes para o conhecimento, diferentemente de muitos posicionamentos filosóficos, onde de um lado se defendia o idealismo como o sujeito sendo determinante para o conhecimento e de outro lado o realismo, onde o objeto é determinante para o conhecimento independente do sujeito.

Schopenhauer não é caracterizado como um idealista e nem realista visto que, como já afirmamos anteriormente, para ele sujeito e objeto são determinantes, pois embora o mundo seja representação de quem observa, este observador ao ter a cabeça cortada, o mundo dele desaparece, ou seja, o mundo que ele representa também deixa de existir, se não há sujeito, também não há representação.<sup>7</sup> Mesmo assim, ao não existir um observador, não quer dizer que não exista um mundo/objeto, visto que, ao se considerar o mundo somente como representação e nada mais, o mesmo (mundo e objeto) seriam puros fantasmas.<sup>8</sup>

Como outrora já mencionamos, o filósofo a ser tratado, em muito transparece a influência kantiana em seu pensamento. Em Schopenhauer não podemos conhecer o mundo como realmente é, só aquilo que representamos dele, vale ressaltar que é através do corpo que se tem um mediador para esta representação.

Sem o corpo não há conhecimento ou representações. A ele estão condicionados todos os tipos de conhecimento do sujeito no horizonte desse processo em que se constroem intuições empíricas e derivam-se abstrações conceituais. É mediante afecções corpóreas que cada indivíduo finca-se no mundo, passa a poder intuí-lo sob as ferramentas do entendimento e produz conhecimento.<sup>9</sup>

Após esta breve análise do pensamento de Schopenhauer, tendo em vista que o mundo é fenômeno, uma mera representação do sujeito que observa, o autor estabelece a vontade como coisa-em-si (seguindo a expressão kantiana), ou seja, a essência do mundo, em

---

<sup>6</sup> Cf. ABBAGNANO, Nicola. *História da filosofia*. v. 8. 5. ed. Trad. António Ramos Rosa, António Borges Coelho e Armando da Silva Carvalho. Lisboa: Editorial Presença, 2000, p. 119.

<sup>7</sup> Cf. LESSA, Lucas. *O Mundo como Vontade e Representação*. Curitiba, 2020. Notas de aula da disciplina de História da Filosofia contemporânea I, professor Dr. Rogério Miranda de Almeida. Bacharelado em Filosofia, Faculdade São Basílio Magno.

<sup>8</sup> Cf. BOSSERT, Adolphe. *Introdução a Schopenhauer*. Trad. Regina Schöpke e Mauro Baladi. Rio de Janeiro: Contraponto, 2011, p. 155.

<sup>9</sup> DEBONA, Vilmar. *Schopenhauer*. São Paulo: Ideias e Letras, 2019, p. 37.

outras palavras, na sua essência, todas as coisas e também os homens são fenômenos de uma mesma e única vontade.<sup>10</sup>

## 2. O mundo como vontade

Após todo este caminho percorrido, donde o mundo é a representação do sujeito, ambos constituem as partes importantes para o conhecimento. Por outro lado, Schopenhauer vai afirmar que a essência íntima do mundo e também do homem, é à vontade, seguindo o pensamento kantiano que compreende a essência íntima por númenom.

Antes propriamente de entrar na definição schopenhauriana de vontade, brevemente apresentaremos um breve exame geral sobre a vontade. Desta maneira, o sentido etimológico da palavra “vontade” procede da raiz grega (boulesis), e do latim (voluntas). Sendo um substantivo feminino que designa a ação de uma pessoa conforme a sua própria intenção. No sentido filosófico mais propriamente, o termo vontade se caracteriza na história da filosofia em duas tendências distintas: uma que concebe a vontade como um princípio racional da ação, e outra como um princípio de ação em geral.<sup>11</sup>

Na filosofia de Schopenhauer, de modo geral, compreende-se à vontade como um impulso cego e irracional, quer se afirma e se nega paradoxalmente, mas além de tudo, é uma força que quer satisfazer-se incondicionalmente. Nesta perspectiva, ela atravessa toda a natureza, todos os seres, todo o universo, ela age em todos, desde as plantas, nos raios ultravioletas, nos instintos, no sexo e principalmente na busca pela felicidade. Assim sendo, a vontade, tal como Schopenhauer a concebeu, ultrapassa toda e qualquer tentativa de racionalização.<sup>12</sup>

Nos animais, a vontade se apresenta através dos instintos, embora tenham toda uma existência onde procriam, caçam, morrem, etc. Os animais vivem o presente, todas as suas ações são determinadas pela sua vontade, ou seja, ela se revela nos seus instintos. Até mesmo quando um animal ataca, é seu instinto que o leva a reagir, ele não tem noção

---

<sup>10</sup> Cf. SALVIANO, Jarlee Oliveira. O fundamento epistemológico da metafísica da Vontade de Arthur Schopenhauer. *Revista Trans/Form/Ação*. São Paulo: Universidade Estadual de São Paulo, v. 32, n. 2, p. 101-118, 2009, p. 114-115.

<sup>11</sup> Cf. ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007, art.: Vontade.

<sup>12</sup> Cf. SCHOPENHAUER., 2001, p. 119.

nenhuma de morte, ele só sabe da morte morrendo, neste caso é a vontade que se manifesta nos seus instintos e que o impulsiona a agir.<sup>13</sup>

Já nos homens, a vontade se desperta no querer, possuir, dominar e principalmente na sua perpetuação. Nos homens, Schopenhauer entende que a manifestação da vontade se manifesta tão forte que o leva a cometer atrocidades, coisas horríveis o homem é capaz de fazer para manter sua superioridade, neste caso se enquadra perfeitamente todos os horríveis crimes cometidos do homem contra o próprio homem. Destacamos a vontade sexual como um ápice da manifestação da vontade na vida do homem, pois diferente do animal, o homem está ciente de sua morte, embora seu caminho ainda não tenha se cruzado com a morte. O mesmo sabe que um dia isso acontecerá, com isso, é no desejo sexual que a vontade de perpetuação se manifesta, e também, no sexo o homem encontra uma das principais formas de prazer. Cego pelo medo da morte, o homem é incapaz de perceber que a morte e a vida, estão em perfeita sintonia.<sup>14</sup>

Neste contexto, a vontade se apresenta como uma necessidade, que é imperecível, ou seja, continua sempre insatisfeita, mesmo que se sacie uma vontade, requer a expectativa de um outro desejo.<sup>15</sup> De acordo com o filósofo, nós também temos a vontade por essência íntima, como a mesma não se pode conhecer, nós conseguimos intuí-la, pois é no corpo que conseguimos conhecer a manifestação da nossa vontade.

Enfim, o conhecimento que tenho da minha vontade, embora imediato, é inseparável do conhecimento que tenho do meu corpo. Não conheço a minha vontade na sua totalidade; não a conheço na sua unidade mais do que a conheço perfeitamente na sua essência; ela apenas me aparece nos seus atos isolados, por consequência no tempo, que é a forma fenomenal do meu corpo, como de todo objeto: além disso o meu corpo é a condição do conhecimento da minha vontade. Não posso, para falar com rigor, representar-me essa vontade sem o meu corpo.<sup>16</sup>

Embora compreenda a vontade como a causadora de todo o sofrimento do mundo, na medida em que se sacia um desejo já requer a expectativa de um outro, pois a vontade não tem nenhuma finalidade, e também não pode ser medida em quantidade, já que pode haver o desejo de mais coisas ao mesmo tempo.<sup>17</sup> No entanto, sem a mesma, o homem seria presa do tédio, este por sua vez, se mostraria ainda pior. Vale ressaltar que Schopenhauer entende o tédio como uma vontade desocupada, em outros termos, vontade

---

<sup>13</sup> Cf. MONTEIRO, Fernando José da Silva. *10 lições sobre Schopenhauer*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014, p. 29

<sup>14</sup> Cf. *ibid.*, p. 30.

<sup>15</sup> Cf. ALMEIDA, Rogério Miranda de. *Eros e Tântos – a vida, a morte, o desejo*. São Paulo: Loyola, 2007, p. 236.

<sup>16</sup> SCHOPENHAUER, *op. cit.*, p. 111.

<sup>17</sup> Cf. *ibid.*, p. 172.

de nada. Diante disso, cabe nos perguntar se é possível o livre arbítrio na filosofia de Schopenhauer? É possível liberdade sobre a vontade?

A resposta que o próprio Schopenhauer vai desenvolver é um tanto complicada, visto que, o filósofo entende a vontade como coisa-em-si, essência, esta é livre, não segue nenhuma determinação, é livre por si mesma, no entanto, o homem, fenômeno da vontade, este por sua vez não é livre, uma vez que não pode escolher o que desejar, muito menos consegue prever à vontade.<sup>18</sup>

Podemos então afirmar que não existe liberdade no pensamento de Schopenhauer, o que existe, em certo sentido, é a liberdade de escolha. Se minha vontade deseja algo eu não posso não desejar, não sentir vontade. Mas posso escolher se vou fazer ou não, isso sim cabe ao homem decidir, ou seja, ele pode decidir sobre tudo, só não pode decidir sobre a própria vontade. O filósofo compreende que a consciência entende o que a vontade quer, mas em geral não se sabe, pois a vontade não tem uma finalidade, ela é sempre insatisfeita.<sup>19</sup> O homem segundo Schopenhauer não pode ser considerado livre.

Assim como para a representação o sujeito é determinante, pois o mesmo representa o mundo, neste caso, o corpo e a vontade em certo sentido se fundam em uma coisa só, ou seja, nossa vontade está intrinsecamente relacionada ao movimento do nosso corpo, visto que aquilo que a vontade determinar é o corpo que exercerá, pois todo ato corporal é uma determinação da vontade que no momento se fez explícita.<sup>20</sup>

Schopenhauer afirma que a vontade juntamente com a ação corporal se dá de forma imediata.<sup>21</sup> É também importante frisar que a vontade na concepção de Schopenhauer tem um caráter universal, a vontade é a substância íntima, o núcleo tanto da coisa particular como da coisa em conjunto.<sup>22</sup>

Podemos perceber que a problemática da liberdade em Schopenhauer é um problema metafísico, visto que por mais que seja a mais perfeita objetivação da vontade, o homem, ainda é fenômeno e não pode ser considerado livre.<sup>23</sup> Schopenhauer define a palavra liberdade como “o que não é necessário sob relação alguma”<sup>24</sup>. Sendo assim, a liberdade é um atributo que cabe somente à vontade. Portanto, os homens, de fato, não são

---

<sup>18</sup> Cf. MONTEIRO, 2014, p. 55.

<sup>19</sup> SCHOPENHAUER, 2001, p. 173.

<sup>20</sup> Cf. Ibid., loc. cit.

<sup>21</sup> Ibid., p. 110.

<sup>22</sup> Ibid., p. 119.

<sup>23</sup> Cf. MONDIN, Batista. Curso de Filosofia. *Os filósofos do Ocidente*. v. 3. 6 ed. São Paulo: Paulus, 1981, p. 65 - 66.

<sup>24</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Livre Arbítrio*. São Paulo, SP: Formar, 1980, p. 25.

autossuficientes em todo o seu modo de agir e existir como é à vontade por si mesma, com isso, o homem não é livre.

Após todo este caminho percorrido, donde percebemos o pessimismo de Schopenhauer, compreendemos que a vontade é cega e irracional, continuando sempre insatisfeita, pois na medida em que sacia um desejo já surgem outros e o homem por sua vez não é livre. A vontade impera no mundo causando dor e sofrimento e Schopenhauer é bem categórico ao afirmar que “O mundo é um inferno”<sup>25</sup>.

A vontade faz a vida e o mundo ser um sofrimento, pois “a miséria e a dor ocupam o universo e os que tem se esquivado desse caminho são procurados pelo tédio”<sup>26</sup>. Com isso o filósofo de Dantzing quer enfatizar que a vida é uma constante luta, na medida em que a vida é esse querer constante, sempre em busca de saciar-se. Por mais que o homem viva sempre em busca da felicidade este por sua vez nunca a alcança, pois quando já se dá conta, ela está no passado ou no futuro, a felicidade é uma pequena fantasia e só o sofrimento é real.<sup>27</sup>

A vida de forma alguma na perspectiva de Schopenhauer se apresenta como algo bom que nos faz gozar, mas sim, uma tarefa que temos que cumprir, o filósofo entende que os seres vivem numa eterna disputa, e por todos os lados vemos constantes insatisfações, desde o reino animal onde o maior come o menor e assim sucessivamente (podemos usar de referência o filme do Rei Leão onde Mufasa para explicar esta disputa pela sobrevivência, classifica isso como ciclo da vida). Já no homem a vontade revela-se ainda mais intensa.<sup>28</sup>

A vida é um sofrimento e no homem ainda é mais expressivo que nos outros animais visto que “quanto mais elevado é o ser, mais sofre”<sup>29</sup>. Como anteriormente já afirmamos, os animais vivem suas necessidades momentâneas, o homem sofre mais por se preocupar com coisas que escapam de suas capacidades, visto que relembra coisas que já se passaram e por mais que tudo faça, não tem o poder de mudar o passado e com o futuro que não sabe se existirá, faz planos e idealiza algo que está só na sua imaginação, tendo a grande incógnita de não saber o que será o amanhã.<sup>30</sup>

---

<sup>25</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *As dores do mundo: o amor – a arte – a moral – a religião – a política – o homem e a sociedade*. Trad. José Souza de Oliveira. São Paulo: EDIPRO, 2014, p. 28.

<sup>26</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *A sabedoria da vida*. Trad. Rômulo Argentièrre. São Paulo: Edipro, 2012, p. 46.

<sup>27</sup> Cf. *Ibid.*, p. 31.

<sup>28</sup> Cf. BARBOSA, Jair. *Schopenhauer*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, p. 36 – 37.

<sup>29</sup> SCHOPENHAUER, 2014, p. 38.

<sup>30</sup> Cf. SCHOPENHAUER, 2001, p. 44 – 45.

Gasta seu tempo em busca de riquezas, sem perceber que o dinheiro exerce um grande poder de satisfação na vida, mas para a verdadeira felicidade, o mesmo exerce um mínima influência.<sup>31</sup> A vida do homem é marcada por esse sempre buscar, no intuito de saciar a vontade, da qual é “prisioneiro”.

O filósofo afirma que:

Querer é essencialmente sofrer, e como o viver é querer, toda a existência é essencialmente dor. [...] A vida do homem não é mais do que uma luta pela existência com a certeza de ser vencida... A vida é uma caçada incessante onde, ora como caçadores, ora como caça, os entes disputam entre si os restos de uma horrível carnificina; uma história natural da dor que se resume assim: querer sem motivo, sofrer sempre, lutar sempre, depois morrer e assim sucessivamente.<sup>32</sup>

Todas as formas de destruir à vontade são inúteis. Ela não dá descanso, ela sempre se faz presente e lhe reclama atenção gerando dor. Anular a vontade completamente é impossível, no entanto, é possível afastar-se dos efeitos: “Muito embora o argumento de que a Vontade determine uma existência eivada de percalços, frustrações e sofrimentos, é possível afastarmo-nos de tal ‘vale de lágrimas’ suprimindo a Vontade, agredindo-a, violentando-a.”<sup>33</sup> seriam as formas de purificação da vontade.

Suspender os efeitos da vontade, pode ser feito através de três vias, ou seja, através da contemplação do belo, quando o homem deixa de ser puro sujeito do conhecimento, ou através da ética que se constitui basicamente na superação do egoísmo e por último, nas práticas de ascese, que o filósofo teve grande apreço ao deparar-se com a sabedoria oriental, mais propriamente com o budismo.

Vale ressaltar que, embora possa afastar-se temporariamente dos efeitos da vontade, a mesma seria de forma efêmera, pois logo a vontade já lhe reclamaria por atenção e novamente o sofrimento e a dor o faria companhia, como uma esmola dada a um mendigo hoje, isso não o sacia completamente, só faz com que seu sofrimento se prolongue até o dia de amanhã.<sup>34</sup> Uma libertação de forma definitiva seria possível através da morte, visto que neste caso, ao passar por ela não tem mais volta, assim acabaria o mundo e com ele o sofrimento ocasionado pela vontade.

Entretanto concluímos que, para Schopenhauer, o mundo é uma representação pessoal, o mundo existe para quem o observa e a essência do mundo a coisa-em-si (expressão kantiana) é à vontade, sendo a mesma responsável por todos sofrimentos e insatisfações,

---

<sup>31</sup> Cf. SCHOPENHAUER, 2012, p. 33.

<sup>32</sup> SCHOPENHAUER, 2014, p. 38.

<sup>33</sup> MONTEIRO, 2011, p. 16.

<sup>34</sup> Cf. SCHOPENHAUER, loc. cit., p. 89.

que só se pode escapar de seus efeitos de modo temporário, pois a libertação definitiva marcaria o fim da existência do sujeito.

## **Conclusão**

Vemos assim que, na filosofia de Arthur Schopenhauer, o mundo é representação, não conhecemos o mundo, só temos representações. Nesta íntima relação entre o sujeito e o objeto, ambas as partes constituem metades importantes para o conhecimento do mundo visto que sem o sujeito o mundo também desapareceria, para aquele que estava a observar, visto que se o mundo fosse só representação seriam puros fantasmas. O homem através do corpo consegue representar o mundo, vale ressaltar que os animais também têm representações do mundo exterior, esta por sua vez, vem de forma direta, intuitiva, pois capacidade de abstração e reflexão é uma faculdade somente do homem.

Por sua vez, a essência do mundo, a coisa-em-si, é entendida por Schopenhauer como vontade, esta que permeia e vivifica toda a existência. A partir da forma que compreende à vontade, o autor em questão fica conhecido por transmitir uma filosofia pessimista, pois ao seu entender à vontade é responsável pelas constantes insatisfações e sofrimentos. Cega e inconsequente, a vontade não tem um objetivo ou finalidade, estando sempre insatisfeita faz o ser humano variar entre o tédio e a insatisfação, ao saciar um desejo isso lhe gera prazer embora que de modo muito breve. Na saciedade de um desejo já se pressupõe uma falta e conseqüentemente um novo desejo, mas ao negá-lo gera dor.

Portanto, libertar-se da vontade é impossível, mas afastar-se temporariamente de seus efeitos, se torna possível através de algumas formas elencadas pelo filósofo, mas por mais que se tente sufocar a vontade através destas práticas de purificação, a vontade sempre ressurgue fortalecida, tornando o homem um preso constata deste sofrimento.

## **Referências**

KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. Trad. Manuela Pinto Dos Santos, Alexandre Fradique Morujão. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e representação*. M. F. Sá Correia. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.

ABBAGNANO, Nicola. *História da filosofia*. v. 8. 5. ed. Trad. António Ramos Rosa, António Borges Coelho e Armando da Silva Carvalho. Lisboa: Editorial Presença, 2000.

LESSA, Lucas. *O Mundo como Vontade e Representação*. Curitiba, 2020. Notas de aula da disciplina de História da Filosofia contemporânea I, professor Dr. Rogério Miranda de Almeida. Bacharelado em Filosofia, Faculdade São Basílio Magno.

BOSSERT, Adolphe. *Introdução a Schopenhauer*. Trad. Regina Schöpke e Mauro Baladi. Rio de Janeiro: Contraponto, 2011.

DEBONA, Vilmar. *Schopenhauer*. São Paulo: Ideias e Letras, 2019.

SALVIANO, Jarlee Oliveira. O fundamento epistemológico da metafísica da Vontade de Arthur Schopenhauer. *Revista Trans/Form/Ação*. São Paulo: Universidade Estadual de São Paulo, v. 32, n. 2, p. 101-118, 2009.

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

MONTEIRO, Fernando José da Silva. *10 lições sobre Schopenhauer*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

ALMEIDA, Rogério Miranda de. *Eros e Tântatos – a vida, a morte, o desejo*. São Paulo: Loyola, 2007,

MONDIN, Batista. Curso de Filosofia. *Os filósofos do Ocidente*. v. 3. 6 ed. São Paulo: Paulus, 1981.

SCHOPENHAUER, Arthur. *O Livre Arbitrio*. São Paulo, SP: Formar, 1980. (Coleção os grandes mestres do pensamento).

SCHOPENHAUER, Arthur. *As dores do mundo: o amor – a arte – a moral – a religião – a política – o homem e a sociedade*. Trad. José Souza de Oliveira. São Paulo: EDIPRO, 2014.

SCHOPENHAUER, Arthur. *A sabedoria da vida*. Trad. Rômulo Argentièrè. São Paulo: Edipro, 2012.

BARBOSA, Jair. *Schopenhauer*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.